ÁGUA ANIMADA

Aline Matulja

cadernos
SELVAGEM

Água animada

Aline Matulja

Este caderno traz a fala de Aline Matulja, gravada no dia 10 de abril de 2026, no ateliê do artista Zemog, no Rio de Janeiro. A fala de Aline é o sexto Recado Selvagem e pode ser acessada aqui.

Eu quero começar saudando essa senhora animada de mais de 4 bilhões de anos: água. Pouca gente sabe que a origem da água é anterior à origem do próprio planeta, esse Planeta Água. A água que está aqui foi gerada no espaço sideral, congelou em volta de partículas cósmicas que viajavam no espaço e participaram da formação do planeta. Uma outra parte dela chegou aqui depois em meteoritos e cometas que colidiram na Terra, que era então um planeta jovem bebê fumegante. E aí tudo começou. Então, essa água aqui já foi dinossauro, já foi floresta, já esteve presa dentro de rocha, passeando no solo. Já foi gente e não gente. E agora está aqui.

E essa história de mais de 4 bilhões de anos que a água carrega tem um capítulo bastante recente, que é o capítulo que a gente vive atualmente e está sendo chamado de falência global da água. No ano de 2026, Kaveh Madani, que é um pesquisador da água, iraniano, publicou um trabalho informando a humanidade que nós chegamos a um ponto de falência global da água. O que isso quer dizer? Bom, ele escreveu esse trabalho em inglês e levou o título de "Water Bankruptcy"[1]. E "bankruptcy" quer dizer bancarrota, o que já mostra um pouco um nome muito sintomático para falar de água. "A banca do comerciante quebrou." Mostra a forma como a gente trata a água como produto. E aí, em português, a tradução é a falência. E falência, na etimologia do latim, é a falha, é o

1. Kaveh Madani é um pesquisador iraniano que se dedica ao estudo sobre a água. Ele é atualmente diretor do Instituto para Água, na Universidade das Nações Unidas, e recebeu em 2026 o prêmio de Stockholm Water Prize. Madani elaborou o relatório *Global Water Bankruptcy: Living Beyond Our Hydrological Means in the Post-Crisis Era* [Falência global da água: vivendo para além das nossas capacidades hidrológicas na era pós-crise], em 2026.

colapso de sustentar um sistema. E esses termos, "a falência", "os apocalipses", que, como nos lembra Fabio Scarano, acontecem todos os dias, tendem a nos paralisar. E a gente precisa, então, ser capaz de imaginar uma outra utopia para que a gente possa seguir caminhando ou nadando por essas águas, se a gente quiser ter alguma chance.

Então, nesse recado, eu vou apresentar algumas ideias não fechadas que têm me ajudado a compor um cenário vivo para pensar, para sentir e intuir novos caminhos para a água. E, para dar esse recado sobre a água, eu juntei quatro ideias abertas. A primeira delas, que me ajuda a compor esse novo imaginário, é uma ideia que foi descrita por um cientista russo em 1926, Vladimir Vernadsky[2], que disse que a água é animada, reconhecendo dentro da ciência algo que cosmovisões de povos originários de várias partes do mundo já sabiam há muito tempo. Ele descreve a água como essa película de múltiplos formatos, vapor, líquido, sólido, que envolve, permeia, media, conecta tudo na Biosfera. Então não existe separação. Essa ideia já nos ajuda a entender por que é impossível confinar a água a um tubo, um canal. E por que a água vai achar os caminhos vivos dela. Não existe fazer o que nós fazemos com a água, que é isolá-la em sistemas técnicos, tirá-la dos ecossistemas, que é o nome que a gente dá para descrever o que é tudo. Tudo é um ecossistema. Em qualquer lugar do planeta que você esteja, você vai estar numa bacia hidrográfica que acontece embaixo dos seus pés, na superfície e também no ar.

Os próximos três conceitos ou ideias, eu aprendi sendo mãe de criança pequena, olhando para o chão, olhando para as formigas, que é o convite que a criança faz. Sendo uma especialista em economia circular, tentando conversar nos meios técnicos, eu vi que o que a gente tem de aparato de gestão hídrica já não está mais atendendo àquele conceito do Vernadsky, de que água circula e é viva por tudo. Então as formigas me deram algumas ideias. As formigas evoluem há 100 milhões de anos no planeta. Nossa espécie *Homo sapiens* evolui há 300 mil, há muito menos.

---

2. Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945) é um cientista russo-ucraniano, que desenvolveu o conceito de Biosfera, uma leitura de que o planeta e a vida que o habita compõem um todo, uma força geológica e animada. Seu livro *Biosfera* foi publicado em russo em 1926 e foi traduzido pela primeira e única vez ao português na edição de 2019 pela Dantes Editora, com grafismos Kadiwéu. A edição em português está disponível aqui.

Então, eu acho que faz sentido a gente olhar para as estratégias que as formigas têm criado para fazer circularidade da água, para regenerar os sistemas delas que estão mediados pela água.

A primeira estratégia das formigas é a regulação climática, é a relação que elas têm com água diante das adversidades, com o clima, com a meteorologia. Elas, por exemplo, bebem água de manhã, água condensada, mais pura água possível da folha do orvalho da manhã. Quem nunca levou mordida de lava-pé? Essas formiguinhas fazem balsas de muitos indivíduos para sobreviver às enchentes. Elas se unem, prendendo suas mandíbulas e suas patinhas umas às outras, porque elas simplesmente não se entendem como um indivíduo isolado. Elas têm um plano de contingência. E elas também fazem túneis mais profundos em épocas de estiagem, para poder buscar água onde ainda tem.

A segunda qualidade que as formigas me ensinaram é a que chamam, no mercado, de agregação, de valorização da cadeia de valor e reciclagem. As formigas já sabem, quando coletam folhinhas, frutinhas e sementes para dentro dos formigueiros, que nem tudo aquilo vai servir de alimento. Elas sabem que uma parte vai estragar. Então, elas transportam esse excedente para o pé das plantas que estão ao redor do formigueiro, para que isso adube e vire de novo mais planta e que elas possam seguir se alimentando. Isso puxa a terceira característica – que é bastante nova para nós, é um assunto que tem surgido cada vez mais para poder atender a esse não alcance da sustentabilidade, que foi tão almejada desde os anos 90 – que é a regeneração. As formigas fazem regeneração. Elas carregam sementes, elas adubam. Elas fazem túneis onde elas convivem também com outros insetos e centopeias e fungos, criando um ambiente ultradiverso, ultraúmido, permeável, poroso, um convite à regeneração, a que novas espécies possam sempre seguir a sucessão natural das coisas.

As formigas, os agrupamentos humanos antigos, o Vernadsky, outros cientistas já criaram esses caminhos cognitivos para a gente melhorar a nossa relação com a água há muito tempo. A gente tem plena condição de sair da falência global da água. O próprio Vernadsky, dizem que ele se remetia ao Humboldt com frequência dizendo que a ciência leva 100 anos para descrever um novo fenômeno com segurança e outros

100 anos para colocá-lo em prática. Bom, este ano faz 100 anos que o Vernadsky descreveu essa qualidade da água animada. Quem sabe agora a gente não começa a colocar em prática?

[canto]
Deixa seu corpo fluir,
deixa seu corpo boiar,
nessa correnteza,
rio deságua no mar!

Aline Matulja

É engenheira sanitarista e ambiental e comunicadora socioambiental há mais de dez anos. É fundadora da Roda Ambiental e cofundadora do Instituto para Futuros Locais (Instituto Fulô) e do Faz a Feira, iniciativas voltadas à sustentabilidade, às economias locais e à aproximação entre ciência, natureza e sociedade. Atua também como apresentadora do programa Eco Brasil e como porta-voz do Verificados pelo Clima, iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), além de ser membra do Comitê do Pacto Global da ONU no Brasil. Aline também é escritora e navegante de outras florestas do conhecimento.

Foto de capa
Caleidoskópica / Elea Mercurio

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em **selvagemciclo.org.br**.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para **contato@selvagemciclo.org.br**.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: **selvagemciclo.org.br/apoie**.

Agradecemos!

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2026